

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

RENATA ARBO MENESES

**Fatores Motivacionais para a prática de Educação Física
Escolar de estudantes de Ensino Médio**

Porto Alegre

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

RENATA ARBO MENESES

**Fatores Motivacionais para a prática de Educação Física
Escolar de estudantes de Ensino Médio**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial para
obtenção do título de Licenciada em
Educação Física na Universidade Federal
do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Elisandro Schultz Wittizorecki

Porto Alegre

2013

Renata Arbo Meneses

FATORES MOTIVACIONAIS PARA A PRÁTICA DE
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR DE ESTUDANTES DE
ENSINO MÉDIO

Conceito final:

Aprovado em dede.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fabiano Bossle – UFRGS

Orientador – Prof. Dr. Elisandro Schultz Wittizorecki – UFRGS

RESUMO

Esse estudo trata de uma pesquisa de caráter descritivo, com o objetivo de identificar e compreender o que leva os estudantes do Ensino Médio a motivarem-se ou não pelas aulas de Educação Física. Busco investigar as causas que impedem a maior participação deles nas aulas de Educação Física, nesta etapa de ensino. A partir de breve experiência na área, foi possível observar o baixo interesse de muitos jovens em se envolver nas aulas de educação física no contexto escolar. Diante de tantas transformações nos aspectos biopsicossociais que ocorrem nessa importante fase da vida, é fundamental que o professor, ciente das necessidades e características dos adolescentes, favoreça e os incentive a participação nas aulas propostas na Educação Física. O trabalho de natureza descritiva se utilizou de observações de aulas deste componente curricular e grupos de discussão com estudantes regularmente matriculados no Ensino Médio, de duas escolas da rede estadual do município de Guaíba/RS. Nestes grupos de discussão, os alunos apresentaram diversos motivos para a falta de motivação para a prática da Educação Física: preguiça, desinteresse, horário da aula. Os motivos que levam à participação foram diferentes nas duas escolas, principalmente no que se refere ao professor como agente de motivação. Em uma escola a motivação intrínseca (benefícios da prática) e na outra a motivação extrínseca (recompensa) prevaleceram. O conhecimento dos motivos que levam a participação ou a não participação dos estudantes nas aulas de Educação Física é de suma importância para os professores da disciplina, pois possibilita levar em consideração essas informações para delinear os conteúdos, as estratégias e os objetivos das aulas, visando maior adesão e aproveitamento dos alunos.

Palavras chave: Ensino Médio. Educação Física escolar. Motivação. Estudantes.

ABSTRACT

This study is a descriptive research which aim is to identify and comprehend what factors lead high school students to motivate themselves or not by Physical Education classes. I intend to figure out the causes that prevent them of greater participation in Physical Education classes at secondary school. Based on my brief experience in this field, it was possible to observe the low interest of many teenagers to engage in the classes in the school context. Since numerous biopsycosocial changes happen at this important period of life, it is essential that the teacher is aware of the needs and characteristics of adolescents, besides promoting and encouraging class participation proposed in Physical Education. This study has utilized class observations and discussion groups evolving students enrolled in two Public State high schools in the city of Guaíba, Rio Grande do Sul, southern Brazil. In these groups, students presented several reasons for the lack of motivation to practice Physical Education, for example laziness, disinterest and the class time. The reasons for participation were different in the two schools, especially related to the teacher as an agent of motivation. In one school, intrinsic motivation (benefits of the practice) and in other extrinsic motivation (reward) prevailed. The knowledge of why participation or non-participation of students in Physical Education classes is extremely important to this course teachers, as it allows to take into account this information to outline contents, strategies and objectives of lessons, aiming greater involvement and student achievement.

Keywords: high school. Physical Education. Motivation. Students.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 REVISÃO DE LITERATURA	10
2.1 Motivação	10
2.2 Adolescência	13
2.2.1 Quem é o adolescente.....	13
2.2.2 Como se caracteriza relacional e socialmente	14
2.3 Educação Física escolar	15
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	23
3.1 Descrição do Estudo	23
3.2 Questões de Pesquisa	23
3.3 Participantes do Estudo	23
3.4 Instrumentos de coleta de dados	24
3.5 Procedimentos na coleta de informações	24
3.6 Procedimentos Éticos	25
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES	26
4.1 Estrutura e recursos da escola.....	26
4.2 Influências do professor	32
4.3 A PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45
Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	48
Apêndice B - Roteiro do grupo de discussão com estudantes.....	49
Apêndice C – Unidades de Significado	50

1 INTRODUÇÃO

A partir de leituras anteriores e vivências ao longo da graduação, pude notar que, apesar de ser uma disciplina que muito agrada os alunos na escola, a Educação Física não é vista, necessariamente, por eles e por professores de outras áreas como disciplina importante na escola. Alunos e professores acreditam que não há conteúdos a serem trabalhados e aprendidos na Educação Física. Ainda há professores de outras disciplinas, e até mesmo membros da direção das escolas, que pensam a Educação Física como uma disciplina voltada a “disciplinar” os estudantes.

O interesse e o envolvimento do discente nas aulas de Educação Física Escolar são imprescindíveis para que o processo de ensino-aprendizagem aconteça efetivamente. Alguns elementos, como as relações aluno/professor e aluno/aluno, o conteúdo das aulas e as metodologias utilizadas, giram em torno desse fator. A relação com o professor influi de forma fundamental no envolvimento do aluno com a disciplina. Na Educação Física essa interação é mais evidenciada por conta do ambiente e da situação informal que é estabelecida. Diferente das outras disciplinas escolares, as aulas de Educação Física, na maior parte das vezes, são realizadas em um ambiente aberto (no pátio, no ginásio) onde os alunos tem a possibilidade de ficarem mais livres. Nesse contexto, é possível que eles se expressem melhor e o professor tem a vantagem de observar as reações dos alunos em diversas situações, já que a interação com os colegas é maior.

Diferente das outras disciplinas escolares, a Educação Física trabalha pedagogicamente através dos conteúdos da cultura corporal de movimento: jogos, danças, esportes, ginásticas e lutas. Trabalha pedagogicamente com o coletivo, com a cooperação, com a competição, além de estimular o gosto pela atividade física, muito importante no cuidado com a saúde. Porém, pensar que o papel da Educação Física Escolar é somente proporcionar momentos de lazer, qualidade de vida e saúde, desvincula a Educação Física do contexto escolar, já que estes podem ser alcançados fora do ambiente escolar.

A Educação Física é o espaço escolar que permite ao aluno experimentar movimentos e, por meio dessa experimentação, desenvolver um conhecimento do corpo e uma consciência dos motivos que o levam a prática desses movimentos.

Entretanto, nem sempre isso acontece e parte dos alunos acaba desmotivando-se pelas aulas de Educação Física.

Vê-se muito nas escolas, no período da disciplina de Educação Física, alunos sentados, desmotivados para a prática, com pouco interesse às propostas de aula. Quais seriam os motivos? Por que os alunos não querem participar? Por que não gostam de participar? O que não gostam nas aulas? O problema é com o que é trabalhado nas aulas? É com a metodologia do professor? Os recursos que a escola têm incentivam à prática a Educação Física? Segundo Menezes e Verenguer (2006) a literatura mostra que, no Ensino Médio, a Educação Física está distante das expectativas dos alunos, levando-os a uma dose de desmotivação.

Essa desmotivação dos alunos tem início no final do Ensino Fundamental, quando os mesmos passam a ter uma visão mais crítica da realidade não atribuindo à Educação Física tanta importância (BETTI; ZULIANI *apud* MARTINELLI, 2006). Em trabalho realizado por Dio (2011), com jovens entre 15 e 17 anos, ele constatou que os alunos não entendem a Educação Física como disciplina escolar.

Segundo Dio (2011) na fase em que os alunos têm em média de 14 á 17 anos e vivem um período de transição da adolescência para a juventude, estão passando também por conflitos psicológicos, físicos e sociais típicos da adolescência, além da grande influência que sofrem da tecnologia, dos meios de comunicação. Ainda podemos ressaltar a questão dos gêneros, pois meninas e meninos estão sofrendo mudanças maturacionais totalmente diferentes.

O professor também assume um papel muito importante nesse desinteresse dos alunos. A metodologia utilizada para desenvolvimento das aulas, o relacionamento aluno-professor, o conteúdo por ele apresentado, entre outros fatores, também influenciam na participação ou não nas aulas de Educação Física Escolar (MARTINELLI, 2006). É importante que os conteúdos da Educação Física também caminhem em direção aos interesses dos alunos.

Para Bear, Connors e Paradiso (*apud* ROCHA, 2009) a motivação pode ser pensada como a força que compele um acontecimento a acontecer. Porém, embora a motivação poder ser requerida para que certo comportamento ocorra, ela não garante que o mesmo aconteça.

Magill (1984) define motivação como as causas de início, de manutenção e de intensidade de comportamento. Ou seja, é o que leva um indivíduo a participar e se

manter de forma ativa em determinada tarefa. Indivíduos diferentes podem realizar a mesma atividade, envolvidos por motivos diferentes.

Para a Educação Física é de suma importância saber quais são os fatores motivacionais da prática de atividade física na escola, de modo que a mesma saiba onde devem ser feitos os investimentos. Para o professor, torna-se importante para saber qual metodologia utilizar e quais conteúdos abordar. É necessário também que o professor explique qual é o papel da Educação Física, qual a importância da atividade física para a saúde, para as relações sociais. Os alunos merecem saber qual é o sentido da disciplina ser obrigatória no currículo escolar.

Com isso, **o objetivo dessa pesquisa foi identificar e compreender os fatores motivacionais para a prática das aulas de Educação Física no Ensino Médio.** Mais especificamente, busquei compreender **se tais fatores se associam com a estrutura e os recursos da escola, com a metodologia adotada pelo professor e com o conhecimento, ou não, da importância da prática da Educação Física.**

O trabalho realizado por Martinelli *et al* (2006) que investiga o motivo pelas quais as alunas do ensino médio não gostam de participar da Educação Física Escolar, mostra que maioria das alunas não gosta das atividades e da metodologia utilizadas nas aulas. Foi identificada como motivo principal a impossibilidade de escolherem as atividades de aula, enquanto que a maioria, disse não gostar de praticar atividade física.

O que acontece muito nas escolas é o desconhecimento, por parte do professor, da realidade em que a escola está inserida. O conteúdo que o professor se propõe a dar em aula, pode não fazer sentido para o contexto dos alunos. A partir do momento em que o que está sendo trabalhado não faz sentido para o aluno, o desinteresse pode se potencializar.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 MOTIVAÇÃO

Parte da população não tem acesso à atividades físicas regulares, e por isso acaba em não dar continuidade a essa prática após o período escolar. Contudo, um grande número de indivíduos que embora tenham as condições mínimas satisfeitas para a prática da atividade física não a realizam.

Uma das hipóteses possíveis para o número reduzido de aderentes à prática da atividade física pode residir nas experiências anteriores vivenciadas nas aulas regulares de Educação Física. Muitos alunos acabam não encontrando prazer e conhecimento nas aulas de educação Física e se afastam da prática na idade adulta (DARIDO, 2004).

A Educação Física na escola deveria propiciar condições para que os alunos obtivessem autonomia em relação à prática da atividade física, ou seja, após o período formal de aulas seria de se esperar que os alunos mantivessem uma prática de atividade regular, sem o auxílio de especialistas, se assim desejarem. Este objetivo seria facilitado se os alunos encontrassem prazer nas aulas de Educação Física, pois, apreciando determinada atividade é mais provável desejar continuá-la, caracterizando uma ligação de prazer.

A motivação dos estudantes aparece como um dos grandes desafios enfrentados pelos educadores e esse tem sido um dos motivos que faz com que as práticas pedagógicas no ensino formal necessitem ser constantemente repensadas.

A disciplina da educação física como componente curricular obrigatório da Educação Básica assume importantes funções na sociedade contemporânea, entre elas: introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento (DARIDO, 2004) e proporcionar a crianças e adolescentes vivências motoras que podem favorecer, ao longo do tempo, a adoção de um estilo de vida fisicamente ativo (KOKA; HEIN, 2003; STANDAGE; DUDA; NTOUMANIS, 2003 *apud* MINELLI *et al*, 2010).

Nesse sentido, algumas pesquisas (NTOUMANIS, 2005; VIERLING; STANDAGE; TREASURE, 2007; TAYLOR; NTOUMANIS; STANDAGE, 2008; GUIMARÃES, 2005 *apud* MINELLI *et al*, 2010) ressaltam que a motivação em contextos escolares tem sido avaliada como um fator determinante do nível de qualidade da aprendizagem e do desempenho escolar.

Segundo a Teoria da Autodeterminação (TAD) (DEVI; RYAN, 1985 *apud* SAMPEDRO, 2012) estar motivado significa estar disposto a agir. Este comportamento pode ser influenciado tanto por aspectos intrínsecos e extrínsecos, quanto por amotivação.

Segundo Sampedro (2012), um indivíduo intrinsecamente motivado é aquele que ingressa na atividade por vontade própria, diga-se, pelo prazer e pela satisfação de conhecer uma nova atividade. Comportamentos intrinsecamente motivados são associados com bem estar psicológico, interesse, o próprio prazer, alegria e persistência.

Já a motivação extrínseca a uma atividade, caracteriza-se por comportamentos guiados ou regulados por eventos externos com a intenção de obter ou evitar um resultado desejado, ou seja, é inerente a própria pessoa.

Comportamentos extrinsecamente motivados podem ser divididos em quatro categorias, de acordo com variação em relação ao grau de autonomia do sujeito: regulação externa, regulação introjetada e regulação identificada.

A regulação externa é designada como uma forma não autônoma de motivação. O comportamento é apresentado por recompensas oferecidas a um indivíduo ou por ameaças e punições. Quando o comportamento é regulado por meios como premiações materiais ou medo de consequências negativas como: críticas dos professores, técnico ou pais.

Por outro lado, na regulação introjetada existe tanto um controle externo como uma situação de conflito interno que direcionam o comportamento do indivíduo: prevalência de culpa ou ansiedade (interno) caso não realize a prática de exercícios físicos regulamente, como indicado para a saúde (externo) (MINELLI *et al*, 2010). As pessoas desempenham as ações com a sensação de pressão no sentido de evitar a culpa ou até mesmo a própria sensação de pressão no sentido de evitar a culpa, ou até mesmo a própria ansiedade para buscar realçar o ego ou o orgulho. Este comportamento pode ser visto também quando alguém realiza uma atividade por descargo de consciência (DECI; RYAN, 2000 *apud* SAMPEDRO, 2012).

A regulação identificada é quando os indivíduos adotam certo tipo de comportamento visando beneficiar-se com a atividade, não buscando o prazer e satisfação inerentes à própria atividade. É o processo através do qual o indivíduo reconhece a importância da tarefa a realizar, mesmo que não lhe seja interessante ou necessariamente agradável ou prazeroso (SAMPEDRO, 2012). Um exemplo

dessa situação são pessoas que fariam exercício por vontade própria quando identificadas com a importância de exercitar-se regularmente para a sua própria saúde e bem estar.

Ryan e Decy (2000 *apud* SAMPEDRO, 2012) também citam a amotivação que é a construção motivacional percebida em indivíduos que não estão adequadamente aptos a identificar um bom motivo para realizar alguma atividade física. Para estes indivíduos, a atividade ou não lhes traz nenhum benefício, ou eles não conseguirão realiza-la satisfatoriamente. Para Minelli e colaboradores (2010) a amotivação diz respeito à ausência de intenção ou pensamento em relação a qualquer comportamento. Nesse caso, o indivíduo percebe a incerteza se algo acontecerá ou não, entre as ações e os resultados, não existindo razão para continuar uma determinada atividade.

A compreensão da motivação na Educação Física Escolar pode permitir aos professores a escolha de estratégias motivacionais bem como comportamentos do próprio professor para melhorar a qualidade das interações e promover experiências positivas aos alunos (NTOUMANIS; STANDAGE, 2009 *apud* SAMPEDRO, 2012).

Indivíduos intrinsecamente motivados apresentarão atitudes positivas em relação a uma determinada prática resultando em maiores chances de se manterem engajados na atividade.

Para que alunos participem e permaneçam nas atividades propostas nas aulas de Educação Física, é importante fortalecer a sua motivação e saber o que está associado com a participação voluntária, autônoma, com empenho e determinação nas atividades (SAMPEDRO *et al*, 2012).

De acordo com Balbinotti (2001 *apud* SAMPEDRO *et al*, 2012), explorar as dimensões motivacionais não contribui apenas no direcionamento e no planejamento das práticas pedagógicas propostas pelo professor, mas pode, também, determinar a futura escolha do aluno quanto o envolvimento em alguma atividade física e/ou esportiva. Tanto no ambiente escolar como fora dele.

Sendo a Educação Física, então, um instrumento importante no processo educacional de crianças e jovens, entende-se que as aulas de Educação Física devem ser orientadas através das motivações destes estudantes.

2.2 ADOLESCÊNCIA

2.2.1 Quem é o adolescente

Por diversas razões (por exemplo social, maturacional e emocional), é difícil definir a adolescência em termos precisos. É amplamente reconhecido que cada indivíduo vivencia esse período de modo diferente, dependendo de sua maturidade física, emocional e cognitiva.

A adolescência é o período de transição entre a infância e a vida adulta, momento em que o sujeito se vê frente há muitos desafios, descobertas, frustrações e conquistas. É um momento de transformações biopsicossociais que fazem parte do referido período (RANGEL *et al*, 2012).

A faixa etária que abrange a adolescência é imprecisa quanto a seus limites. Se for levar em consideração a adolescência a partir dos processos físicos da puberdade, é preciso pensar essa faixa etária como antes dos 12 anos. Principalmente no caso das meninas, em que algumas entram na puberdade aos 8 ou 9 anos.

A Organização Mundial da Saúde - OMS (2000) considera a adolescência a segunda década de vida, que consiste na faixa entre os 10 e os 19 anos. Já no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069 de 13/07/1990), está descrito que adolescente é considerado o indivíduo entre 12 e 18 anos de idade, para os efeitos da lei (RIO GRANDE DO SUL, 2009).

Fica mais coerente pensarmos a adolescência como o período que se situa, psicologicamente e culturalmente, entre a criança e a vida adulta, ao invés de uma faixa etária específica. É um período de transição em que a criança se modifica física, mental e emocionalmente, tornando-se adulto (SETIAN, 1979 *apud* BRÊTAS, 2003).

Segundo Outeiral (1994 *apud* BRÊTAS 2003) o adolescente vive a perda de seu corpo infantil e adquire um corpo que vai se fazendo adulto, mas ainda com uma mente infantil. Com isso o adolescente passa a habitar um novo corpo e a experimentar uma nova mente, inevitavelmente. Por causa dessas transformações, o adolescente busca refúgio regressivo em seu mundo interno, dentro de si mesmo (em suas fantasias, devaneios e sonhos).

As modificações biológicas que caracterizam este processo de adolescência propiciam a experiência de uma série de eventos psicológicos. Segundo Sampaio,

Baez, Stobäus e Oliveira (2012), o momento é de instabilidade, decisões e responsabilidades novas, preocupação com vestibular, mercado de trabalho, convívio social e busca pela procura pela identidade.

Nesta fase as mudanças corporais e a sexualidade são, sobretudo, elementos que estruturam identidade do adolescente. Essa estruturação da identidade é realizada através da representação mental que o adolescente tem de seu corpo (imagem corporal) (BRÊTAS, 2003).

A adolescência também é um momento da vida do jovem em que o sujeito experimenta, pela primeira vez, um sentimento de estranheza em relação ao seu próprio corpo. Perdas da coordenação motora, movimentos desproporcionais e desajeitados, podem ser observados no comportamento motor do adolescente. É preciso que haja uma readaptação das estruturas do corpo.

2.2.2 Como se caracteriza relacional e socialmente

Os adolescentes não sofrem apenas mudanças corporais e psicológicas. Além disso, é possível observar transformações no comportamento no que se refere à convivência social. Nessa fase da vida, o adolescente começa a se relacionar com turmas, preferencialmente com pessoas do mesmo sexo (MUSSEN *et al*, 1995; BELSKY, 2010)

No processo de desenvolvimento o adolescente passa por desequilíbrios e instabilidades extremas no meio cultural, mostrando-nos períodos de orgulho, de introversão, alternando com audácia, timidez, descoordenação, urgência, desinteresse ou apatia, que se sucedem ou são concomitantes com conflitos afetivos, crises religiosas, condutas sexuais. Para Knobel (1981 *apud* BRÊTAS, 2003), esse conjunto de acontecimentos é denominado de entidade semipatológica ou de uma síndrome normal da adolescência.

Neste sentido, Aberastury e Knobel (1981 *apud* BRÊTAS, 2003) organizaram as manifestações críticas características da adolescência, segundo os sintomas relacionados. A busca de si mesmo e da sua identidade provoca no adolescente momentos de isolamento para entender sua intimidade. A tendência de formação grupal envolve o processo de afastamento dos pais, substituindo-os por grupos, passo intermediário no mundo externo. Nessa fase de adolescência, o jovem tem certa “deslocalização temporal”, ou seja, as urgências são enormes e, às vezes, as

postergações são aparentemente irracionais, como por exemplo, a necessidade imediata de uma roupa nova ou a postergação do estudo.

A atitude social reivindicatória, também muito característica dessa fase, se deve ao fato da sociedade impor restrições à vida do adolescente que, por sua força, sua atividade e poder reestruturador da sua personalidade, tenta modificar a sociedade, ao mesmo tempo em que visa constantes modificações internas. A separação progressiva dos pais é necessária para que o adolescente encontre identidades diferentes e seja capaz de formar sua própria personalidade. Constantes flutuações de humor e estado de ânimo acontecem devido aos fenômenos de depressão e luto que acompanham o processo de identificação.

Paralelamente à instituição família, a escola apresenta-se na vida do jovem com grande significado, sendo um local onde as interações coletivas acontecem, oportunizando ao adolescente a experimentação do "ser eu mesmo", longe da família e dos pais.

Além da família, a escola coloca-se na vida do jovem como uma instituição de grande significado. É onde o adolescente passa a escolher as pessoas com quem quer se relacionar, passa a se identificar com determinados grupos e não com outros, define sua própria identidade,...Nela, o adolescente pode escolher suas próprias amizades e desenvolver seus próprios interesses.

Diante de tantas transformações, nos aspectos biopsicossociais que ocorrem nessa importante fase da vida, é fundamental que o professor, ciente das necessidades e características dos adolescentes, favoreça e os incentive a participação nas aulas propostas na Educação Física. É nessa etapa da vida que o jovem pode adquirir hábitos saudáveis, a partir das oportunidades que lhe são dadas no seu âmbito escolar. Suas atitudes, seus comportamentos poderão representar, na idade adulta, fundamental importância para a adoção de um estilo de vida ativo, modulando-se, dentre vários outros aspectos, o nível de saúde e a qualidade de vida (PEREIRA, 2006).

2.3 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Ao longo dos últimos anos, os objetivos e propostas educacionais da Educação Física foram se modificando. As tendências pedagógicas, ainda hoje, influenciam a formação de professores e suas práticas docentes.

No Brasil, a Educação Física foi introduzida oficialmente na escola em 1851, com a reforma Couto Ferraz. Em 1882, foi realizada uma reforma, por Rui Barbosa, que recomendava que a ginástica fosse obrigatória, tanto para homens quanto para mulheres. A recomendação era que a ginástica fosse oferecida nas escolas normais. A implementação dessa lei só aconteceu em parte, nas escolas militares do Rio de Janeiro (BETTI, 1991).

A reforma começa a ser realizada pelos estados da federação apenas a partir de 1920. Passam a incluir a Educação Física, usando o nome de Ginástica.

Essa lei demorou bastante para ser cumprida. O que mostra o baixo status da Educação Física, desde essa época.

No seu início, de 1889 a 1930, a Educação Física segue uma concepção chamada Higienismo. A preocupação central era com os hábitos de higiene e saúde. (GÓIS JUNIOR; LOVISOLO, 2005). Essa concepção valoriza o desenvolvimento do físico e da moral, a partir do exercício.

A partir da necessidade de sistematizar, na escola, a ginástica, surgem os métodos ginásticos. Os principais foram o método sueco, o alemão e o francês. Esses métodos tinham o objetivo de valorizar a imagem na ginástica no âmbito escolar (DARIDO, 2005)

Há indícios de que o Movimento Higienista não termina nos anos 1930 e 1940. Autores acreditam que o movimento influencia a atividade física no século XX, até os dias de hoje. Segundo os autores Góis Junior e Lovisolo (2003 *apud* PEREIRA, 2006) o movimento Higienista é o mesmo “movimento da saúde” que segue nos dias atuais, com algumas adaptações de acordo com as modificações que ocorrem na sociedade.

Com a necessidade de formar uma geração capaz de combater, lutar, para atuar nas guerras, surge o modelo militarista. Para esse modelo importava a seleção de indivíduos fisicamente perfeitos.

Esses dois modelos, Higienista (1889 até 1930) e Militarista (até 1945), consideram a Educação Física (na época denominada de Ginástica), disciplina essencialmente prática, não necessitando de suporte teórico. Tanto que não era preciso dominar conhecimentos para ministras as aulas, e sim ter sido ex-praticante, o que de certa forma, significa o domínio de um conhecimento, no caso, o prático.

Com o sucesso da Seleção Brasileira de Futebol nas Copas de 1958 e 1962, e também em 1970, a Educação Física Escolar passou a ser associada ao Esporte,

principalmente com o Futebol (DARIDO, 2004). Junto com isso, a ditadura militar no país traz a inclusão do binômio Educação Física/Esporte e há um investimento pesado dos governos militares. Nessa época, o objetivo principal era fazer com que, por meio da Educação Física, o país alcançasse sucesso em competições de alto nível, desviando a atenção de episódios políticos que vinham acontecendo (BETTI, 1991).

Nessa fase histórica, estão presentes no contexto da Educação Física na escola, o rendimento, a seleção dos habilidosos. Os procedimentos empregados são diretivos, o professor é bastante centralizador e a prática é voltada para a repetição mecânica, exaustiva, dos movimentos voltados aos esportes. Esse modelo foi denominado Esportivista, ou mecanicista, tradicional, tecnicista.

Diante da quantidade de críticas voltadas a concepção Esportivista, a prática da Educação Física Escolas voltou-se para outro extremo: modelo em que os alunos que decidem o que será realizado na aula. O professor não intervém na prática. Surge então o modelo denomina Recreacionista (KUNZ, 1994 *apud* DARIDO, 2008). Esse modelo não foi defendido por professores, nem por estudiosos e acadêmicos. Segundo Darido (2008), é provável que tenha surgido de um erro de interpretação. A prática de simplesmente oferecer os materiais aos alunos é condenado pelo fato que não se considera a importância dos procedimentos pedagógicos dos professores.

Atualmente, distintas concepções coexistem na área da Educação Física. Elas têm em comum a tentativa de romper com o modelo mecanicista, esportivista e tradicional, hegemônicos em outros momentos da Educação Física escolar no país.

As Abordagens Pedagógicas da Educação Física podem ser definidas como movimentos engajados na renovação teórico-prática com o objetivo de estruturação do campo de conhecimento. Estas abordagens surgem com o intuito de proporem linhas de entendimento, desde o objetivo de estudo da Educação Física, passando pela operacionalização de conteúdos até o entendimento de como avaliar (SOUZA JÚNIOR, 1999 *apud* AZEVEDO; SHIGUNOV, 2000).

A Psicomotricidade surge a partir da década de 1970 e é a primeira abordagem que surge no Brasil em oposição aos modelos higienista, militarista, esportivista e tradicional. Nessa concepção, a Educação Física envolve o desenvolvimento da criança, com o ato de aprender, com os processos cognitivos, afetivos e psicomotores. Está voltada à formação integral do aluno. A abordagem psicomotora extrapola a preocupação do professor com os limites biológicos e de

rendimento corporal. Passa a incluir e valorizar o conhecimento de origem pedagógica. Inicialmente a abordagem psicomotora foi divulgada em escolas especiais para alunos com deficiência física e mental (DARIDO, 2008). Jean Le Bouch, autor que mais influenciou esse pensamento no nosso país, defende uma ação educativa que deve ocorrer a partir dos movimentos espontâneos da criança e das atitudes corporais.

Essa abordagem traz uma perspectiva renovadora, que tem a proposição de um modelo pedagógico fundamentado na interdependência do desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo dos indivíduos. A Psicomotricidade valoriza o processo de aprendizagem e não mais a execução de um gesto técnico isolado (DARIDO, 2005).

O modelo Desenvolvimentista, explicitado no Brasil, inicialmente nos trabalhos de Go Tani, foi dirigido para crianças de 4 a 14 anos. Busca, no processo de aprendizagem e desenvolvimento, uma fundamentação para a educação física escolar. Segundo Go Tani *et al* (1998 *apud* DARIDO, 2008) a abordagem é uma tentativa de caracterizar a progressão normal do crescimento físico e do desenvolvimento fisiológico, motor, cognitivo, e afetivo-social, na aprendizagem motora. A partir disso, sugerir aspectos relevantes para a estruturação das aulas.

Para a abordagem desenvolvimentista, a Educação Física deve proporcionar ao aluno condições para que seu comportamento motor seja desenvolvido, oferecendo experiências de movimento adequadas às faixas etárias. Os autores dessa abordagem defendem a ideia de que o movimento é o principal meio e fim da Educação Física. Para eles, a Educação Física não tem a função de desenvolver capacidades que auxiliem a alfabetização e o pensamento lógico-matemático, embora isso possa acontecer como um subproduto da prática motora.

Os conteúdos das aulas devem seguir uma ordem de habilidades básicas (locomotoras, manipulativas e estabilizadoras) e as específicas (influenciadas pela cultura do esporte, do jogo, da dança). O professor deve observar seu aluno, no sentido de verificar em que fase eles se encontram, localizar os erros e oferecer informações relevantes para a superação dos mesmos. A avaliação é feita através do desempenho motor. A identificação do erro é fundamental para a aquisição de habilidade de acordo com as etapas de aquisição de habilidades motoras. Esse modelo dá pouca importância à influência do contexto sociocultural sobre a aquisição de habilidade motoras.

Já a proposta construtivista tem como representante João Batista Freire (1994), cujo livro “Educação de Corpo Inteiro” teve papel determinante na divulgação das ideias construtivistas na educação física. A proposta é apresentada como uma opção metodológica, em oposição às linhas mecanicistas e propõe a valorização do conhecimento espontâneo dos jogos, brincadeiras e atividades motoras que a criança possui – sua cultura infantil – muitas vezes negada pela escola. O jogo é considerado o principal conteúdo/estratégia do ensino, pois, quando joga ou brinca, a criança aprende em um ambiente lúdico e prazeroso.

Os autores base desse modelo são Piaget e Vygotski. A proposta de Vygotski refere-se ao conceito de zona de desenvolvimento proximal, que é definida como a distância entre o nível de desenvolvimento real, determinado pela capacidade de resolver um problema sem ajuda, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através de resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou em colaboração com outro companheiro. Já a ideia pautada na teoria de Piaget é que a intenção no construtivismo é a construção do conhecimento a partir da interação do sujeito com o mundo, numa relação que vai além do simples exercício de ensinar e aprender.

A concepção crítico-superadora (SOARES *et al*, 1992 *apud* AZEVEDO; SHIGUNOV, 2000) utiliza o discurso da justiça social como ponto de apoio. Valoriza a questão da contextualização dos fatos e do resgate histórico e levanta questões de poder, interesse, esforço e contestação. A Educação Física é entendida como uma disciplina que trata do jogo, da dança, da ginástica, do esporte, como sendo um conhecimento da cultura corporal de movimento. Busca entender com profundidade o ensinar, não apenas transferir ou repetir conhecimentos, mas criar possibilidades de produção crítica e a assimilação desses conhecimentos. A abordagem desconsidera a especificidade da educação física, na medida em que o movimento é visto, muitas vezes, como instrumento para facilitar a aprendizagem de conteúdos ligados ao aspecto cognitivo.

A abordagem crítico-emancipatória tem como expoente no país, Elenor Kunz. Tem como objetivo promover condições para que a estrutura autoritária dos processos institucionalizados da sociedade seja suspensa e o ensino encaminhado para uma emancipação, possibilitado pelo uso da linguagem, que tem importante papel no agir comunicativo. A proposta crítico-emancipatória tem como temática principal a contextualização dos temas compreendidos pela Cultura Corporal, tais

como: jogo, esporte, ginástica, dança e capoeira. Sua orientação de concepção educacional é denominada crítico-emancipatório, onde a emancipação pode ser entendida como um processo contínuo de libertação do aluno nas condições limitantes de suas capacidades racionais críticas. E o conceito crítico pode ser entendido como a capacidade de questionar e analisar as condições e a complexidade de diferentes realidades de forma fundamentada permitindo uma constante auto-avaliação do envolvimento objetivo e subjetivo no plano individual e situacional.

O modelo pedagógico intitulado de Saúde Renovada tem como foco a aptidão física relacionada à saúde. Seu objetivo é informar, mudar atitudes e promover a prática sistemática de exercícios. Esse modelo se aproxima bastante ao modelo biológico higienista, porém com um caráter renovado, principalmente pela incorporação de certos princípios à proposta, entre eles a de não exclusão (DARIDO, 2008).

De acordo com Nahas (1997 *apud* DARIDO, 2008), o objetivo da Educação Física nesta concepção é favorecer a autonomia no gerenciamento da aptidão física de todos os alunos, e não somente os mais aptos. A abordagem Saúde Renovada propõe que a Educação Física deveria propiciar a elaboração de conhecimentos sobre atividade física para o bem-estar e a saúde, estimular atitudes positivas em relação aos exercícios físicos e proporcionar oportunidades para a escolha e a prática regular de atividades que possam ser continuadas após os anos escolares. Além disso, propõe promover independência na escolha de programas de atividades físicas relacionadas à saúde.

O Ministério da Educação e do Desporto, através da Secretaria de Ensino Fundamental, inspirado no modelo educacional espanhol, mobilizou um grupo de pesquisadores e professores no sentido de elaborarem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Os PCNs têm como função primordial subsidiar a elaboração ou a versão curricular dos estados e municípios (DARIDO *et al*, 2001).

Neste documento, a Educação Física está inserida na área denominada “Linguagens, Códigos e suas Tecnologias”, juntamente com Língua Portuguesa e Estrangeira.

Seguindo as ideias propostas nos PCNs, a Educação Física deve promover o princípio da inclusão, com a inserção e integração dos alunos a partir da Cultura Corporal do Movimento, através de vivências que problematizem criticamente os

conteúdos previstos: jogos, esportes, danças, ginásticas, lutas e conhecimento sobre o corpo. A partir desse conjunto de objetivos, conteúdos, a avaliação deveria ser um processo para favorecer a autonomia dos alunos e forma crítica em relação ao próprio processo de ensino e aprendizagem ao qual estão submetidos.

Segundo Betti (1991), a Educação Física pode ser definida sob três perspectivas: meio de educação formal ou informal, disciplina acadêmica ou área de conhecimento e profissão. Trata-se a Educação Física como formal quando realizada no ambiente escolar, por exemplo. Educação Física com caráter informal seria quando a participação é voluntária em jogos e atividades infantis.

A Educação Física, independente de como é definida, é considerada multidisciplinar e interdisciplinar. Multidisciplinar porque está fundamentada em conhecimentos fornecidos por outras disciplinas (fisiologia e psicologia, por exemplo). A interdisciplinaridade pode ser explicada pelo fato de que apenas parcelas de informações de outras disciplinas podem ser diretamente relevantes (BROOKS, 1981 *apud* BETTI, 1991). As atividades físicas têm sido historicamente consideradas como um privilegiado meio de educação.

Em 1996, a Educação Física foi incluída nas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN). A partir daí a Educação Física Escolar adquiriu maior valorização, passando a ser compreendida como componente curricular, e não mais como uma atividade, como era assegurada até então (RUFINO; DARIDO, 2013). Contudo, a valorização no âmbito da prática pedagógica não veio acompanhada da valorização da Educação Física Escolar. Muitas vezes, a prática pedagógica manteve-se engatada na predominância de certos conteúdos de cunho esportivo (BETTI; ZULIANI, 2002 *apud* RUFINO; DARIDO, 2013).

Schonardie Filhos (2001; RUFINO; DARIDO, 2013) afirma que, a LDBEN, ao não especificar as características necessárias à Educação Física no Ensino Médio, deixa uma larga margem para interpretações quanto ao número de horas aula por semana, quem deve participar das aulas e qual é o conteúdo geral previsto para ser complementado com os conteúdos específicos, além das necessidades de cada região.

Rufino e Darido (2013) citam Faria, Machado e Bracht (2012) quando consideram que a Educação Física é as vezes confundida ou considerada como uma disciplina de “segunda classe”. Segundo eles, os próprios professores de

Educação Física, muitas vezes, apresentam um sentimento de rebaixamento em relação as demais disciplinas.

Alguns fatores podem colaborar para que a Educação Física, especificamente no Ensino Médio, tenha um alto índice de evasão: conteúdo focado nos esportes, aulas no contra turno, falta de espaço e materiais adequados para as práticas, desinteresse do professor e resistência dos alunos para com conteúdos novos (SANTOS; TRINDADE, 2013).

Sampaio, Baez, Stobäus e Oliveira (2012) destacam que as aulas de Educação Física seguem um padrão de esportivização e competitividade. Além disto, há uma repetição de conteúdos que não prende o interesse dos alunos, pois não há uma diversidade de opções, não há o desafio.

Ulasowicz e Peixoto (2004 *apud* SAMPAIO; BAEZ; STOBÄUS; OLIVEIRA, 2012) ainda afirmam que esportivização excessiva das aulas de Educação Física Escolar afasta os alunos das aulas. Há muitas diferenças entre os alunos, a escolha de determinado esporte para meninos e outro para meninas se repetem. A disciplina acaba ficando presa a isso, sem promover uma cultura corporal do movimento como é pregado, por exemplo, nos PCNS.

As aulas acontecendo no contra turno das demais disciplinas é vista como um dos fatores que contribuem para o desinteresse dos alunos em participar das aulas. Segundo Santos e Trindade (2013) é o que levava a maioria dos alunos a não comparecerem nas aulas na pesquisa que realizaram, uma vez que teriam que retornar a escola somente para fazer aulas de Educação Física.

Outro fator relevante para a evasão nas aulas de Educação Física é que 70% dos alunos do Ensino Médio cursam no período noturno, o qual segundo a nova LDB 9394/1996, o Ensino de Educação Física para os alunos do noturno é facultativo (DARIDO *et al*, 1999 *apud* SAMPAIO; BAEZ; STOBÄUS; OLIVEIRA, 2012).

Bracht (2001 *apud* RUFINO E DARIDO, 2013) salienta que existe um processo atual que torna válido a prática de Educação Física para os alunos que comprovarem a realização de atividades físicas em academias de ginástica ou outros estabelecimentos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 DESCRIÇÃO DO ESTUDO

O estudo é de caráter qualitativo e descritivo-explicativo, a fim de identificar e compreender o que leva os alunos a motivarem-se ou não pelas aulas de Educação Física. A partir de observações e de grupos de discussão com estudantes de Ensino Médio, foram analisadas e descritas as características e comportamentos dos jovens em seus contextos singulares.

O tipo de pesquisa qualitativa realizada é denominado ex-post-facto. Não será procurado apenas como é o fenômeno, e sim de que maneira e por que ocorre (TRIVIÑOS, 1987).

3.2 QUESTÕES DE PESQUISA

Quais são os motivos de desinteresse dos jovens para prática da Educação Física na escola?

O que exatamente lhes provoca resistência quanto às aulas de Educação Física? Quais são os aspectos e situações mais significativas?

O que motivaria o aluno numa aula de Educação Física Escolar?

Quais são as condições materiais concretas que a escola disponibiliza para as aulas de Educação Física?

O que pensam os estudantes acerca das finalidades da Educação Física Escolar?

3.3 PARTICIPANTES DO ESTUDO

O estudo foi realizado em duas escolas da rede pública estadual de Guaíba/RS. Os critérios de escolha destas instituições procuraram privilegiar escolas que têm turmas de ensino médio, que permitiram acesso para observação das aulas de Educação Física e que professores efetivos (não estagiários) ministrassem aulas de Educação Física em tais turmas.

Os sujeitos da pesquisa foram selecionados por conveniência. Após a realização de observações de aulas de Educação Física, selecionei para a pesquisa estudantes de Ensino Médio que, voluntariamente, se disponibilizaram a fazer parte dos grupos de discussão.

Quatorze estudantes participaram das entrevistas, 7 em cada escola. A faixa etária dos alunos envolvidos é de 13 a 19 anos.

Figura 1 - Participantes das entrevistas nos grupos de discussão:

E.E. Ilha do Presídio		E.E. Cipreste Farroupilha	
Participantes	Idade	Participantes	Idade
Estudante 1	17	Estudante 8	15
Estudante 2	14	Estudante 9	17
Estudante 3	19	Estudante 10	15
Estudante 4	17	Estudante 11	13
Estudante 5	18	Estudante 12	15
Estudante 6	18	Estudante 13	15
Estudante 7	17	Estudante 14	15

Fonte: Autora

3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

O trabalho de campo foi iniciado com observações em turmas de Educação Física do Ensino Médio em duas escolas públicas estaduais de Guaíba/RS. Um diário de campo serviu para registro das informações referentes aos acontecimentos. Além do registro das observações, anotei ideias, percepções e sentimentos surgidos durante a ação, nos contatos formais e informais, na sequência em que ocorrem. Para aprofundar o diálogo com os participantes, foi adotada a estratégia de grupos de discussão. Esses diálogos foram gravados e transcritos.

Pude compreender melhor o funcionamento desta estratégia a partir da experiência de Damico (2006), que realizou grupo focal em seu estudo. Este autor utilizou encontros grupais para a obtenção de dados sobre questões específicas de interesse do pesquisador, a partir de discussões onde os participantes podem expressar, nos seus próprios termos, experiências, pontos de vista, crenças, valores, atitudes e representações.

3.5 PROCEDIMENTOS NA COLETA DE INFORMAÇÕES

Inicialmente fiz um levantamento de escolas públicas que apresentassem Ensino Médio na cidade de Guaíba/RS. Levando em conta os critérios de escolha, elegi duas instituições para a realização do trabalho de campo. Procurei a Direção destas e obtive autorização para realizar o estudo, após apresentar os objetivos e

procedimentos do mesmo. Também negocie com os professores de Educação Física das escolas e obtive seu consentimento para efetuar observações nas aulas no Ensino Médio.

Após observações de aulas de Educação Física, empreendi uma seleção dos estudantes, sobretudo aqueles que não estivessem participando das aulas. Abordei estes e os convidei para uma conversa. Nessa, expliquei para os sujeitos do que se tratava a pesquisa. Com a aceitação dos mesmos, apresentei um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido com as explicações, a ser enviado para os pais e/ou responsáveis. Sendo autorizados, os estudantes participaram do grupo de discussão em uma data combinada, no estabelecimento escolar.

Definido os grupos colaboradores nas escolas, o diálogo foi realizado com os alunos envolvendo questionamentos sobre as aulas de Educação Física e a análise deles sobre essas aulas. Gravei e transcrevi esses diálogos, procurando registrar em diário de campo, minhas impressões e aprendizagens.

A partir das informações levantadas, passei a produzir unidades de significado através de uma leitura atenta e minuciosa dos diários e transcrições. Essas unidades de significado estão apresentadas no Apêndice C. Posteriormente, agrupei tais unidades por proximidade temática, que me permitiram construir as categorias de análise, apresentadas e discutidas na seção 4 deste trabalho.

3.6 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

As observações foram realizadas sem a intenção de estabelecer juízo de valor. Os diálogos nos grupos de discussão foram realizados com os alunos que se mostraram interessados em conversar sobre o tema, preferencialmente durante os intervalos das aulas, entradas e saídas dos alunos na escola. Este momento foi escolhido de forma que os alunos não se prejudicassem no andamento das aulas.

Tive o cuidado de esclarecê-los a respeito do uso das informações obtidas, que serão sigilosas e utilizadas estritamente para fins acadêmicos. Também substituí os nomes dos colaboradores e da instituição por fictícios, no sentido de preservar a identidade dos mesmos.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES

Foram observações em duas escolas da rede estadual do município de Guaíba. Em cada escola foram feitas 3 observações, além da visita para a entrevista. Cada visita para observação durou aproximadamente 1 hora e 50 minutos, tempo de duração das aulas de Educação Física. Neste trabalho, as instituições investigadas serão denominadas de Escola Estadual Cipreste Farroupilha e Escola Estadual Ilha do Presídio. Estes nomes foram escolhidos por serem locais que fazem parte da história da cidade. Os professores também receberam nomes fictícios para serem citados no presente estudo. Os professores das Escolas Cipreste Farroupilha e Ilha do Presídio serão denominados Gomes Jardim e Carlos Nobre, respectivamente; nomes de personalidades históricas de Guaíba.

A partir da análise proveniente dos discursos dos participantes emergiram três categorias temáticas. A primeira delas é de que forma está estruturada a Educação Física e a escola. Nesta, discuti quais são os recursos que a escola possui para que a aula de Educação Física seja envolvente para o estudante. A segunda categoria temática é a relação que os professores têm com o envolvimento dos alunos com a Educação Física. Procurei analisar como o professor motiva, como é a relação professor/aluno, de que forma são distribuídos os conteúdos e como é a postura do professor diante dos alunos. A terceira categoria é o que, de fato, faz com que o estudante participe das aulas: o que motiva ele a se envolver, ou não, nas aulas. Ao longo da descrição e interpretação dos conteúdos das entrevistas, essas três temáticas vão aparecer com bastante clareza.

4.1 ESTRUTURA E RECURSOS DA ESCOLA

Meu primeiro contato com a Escola Estadual Ilha se deu por meio de uma professora da escola que é amiga pessoal. Conversamos sobre o que seria o trabalho e ela me direcionou ao professor que ministra a disciplina de Educação Física nos dias e horários que eu tinha disponibilidade.

A escola fica localizada próxima a uma rua que liga bairros afastados do centro da cidade, por isso há alunos de diversos bairros da cidade. A própria escola abriga cursos técnicos no turno noturno, que recebe alunos do 3º ano do ensino médio. Sendo assim, o número de alunos que fazem cursos à noite, ou que já

trabalham, é grande. Isso se confirmou durante algumas conversas com os alunos. Nos finais de semana, a escola fica aberta para a comunidade, que utiliza um campo e uma quadra de esportes.

Na primeira visita, fui levada diretamente para a sala dos professores de Educação Física. A sala fica localizada no final de um corredor da escola, onde ficam apenas os 3 professores de Educação Física. Nessa sala ficam guardados os materiais específicos da Educação Física que a escola possui. A escola dispõe de muitos materiais de excelente qualidade, alguns sequer foram usados. Todos que estão em uso são muito bem cuidados pelos profissionais. Segundo relato dos professores, a aquisição destes materiais de ótima qualidade e em boa quantidade é mérito de alguns professores antigos da escola e se deu depois de algumas exigências dos professores com a direção. O professor que ministra as aulas que eu observei, denominado no trabalho de Carlos Nobre, contou que os professores de Educação Física são muito respeitados pela direção. Em muitas situações, o que é sugerido por professores dessa disciplina, tem grande significado para a direção. Essa gratificação foi graças a professores antigos que sempre fizeram ótimos trabalhos na escola e souberam fazer com que a Educação Física fosse muito valorizada naquele espaço. A confiança que eles passam para os demais setores da escola é grande.

O fato dos professores terem uma sala específica para eles, e não só para os materiais da disciplina, me parece interessante destacar. Na Escola Ilha do Presídio, os docentes de Educação Física ficam afastados dos demais docentes. Possuem uma sala própria, com mesas individuais, armários individuais. Pelo que pude observar, grande parte do tempo eles ficam neste local sem muita interação com os demais professores da Escola. Apesar disso, pude notar que a relação entre os professores é muito boa. Os próprios estudantes relataram durante a entrevista que o Carlos Nobre sabe do que acontece com eles também nas outras disciplinas. O que me faz pensar que em outros momentos, este docente procura se apropriar dos conteúdos das outras disciplinas, e como estão seus alunos no andamento dos trabalhos.

Já a Escola Cipreste Farroupilha fica localizada num bairro mais próximo do centro de Guaíba. Foi possível notar que, pela facilidade de acesso, há estudantes de outros municípios que do entorno da cidade. O professor Gomes Jardim, diferentemente do Carlos Nobre, tem o seu espaço numa sala comum com os

professores das outras disciplinas da escola. A Educação Física tem uma sala, porém é só para os materiais. Apesar disso, pude notar que a relação desse docente com os demais docentes da escola não é tão estreita. Na primeira observação que realizei nesta instituição escolar, uma das turmas não esteve presente naquela aula de Educação Física, e o professor Gomes Jardim sequer sabia se a turma havia sido liberada para a realização de alguma outra atividade. Durante o período de aula, não procurou se informar com outros profissionais.

Nas duas escolas envolvidas nesta pesquisa, as aulas de Educação Física são desenvolvidas no turno inverso das demais disciplinas curriculares. De acordo com os alunos, passou a ser no contra turno quando foi inserida a Seminário Integrado (SI). O SI é uma nova disciplina que integra a base curricular do Ensino Médio Politécnico. Ambas as escolas têm, no turno inverso, dois períodos de Educação Física e dois períodos de Seminário Integrado. Tanto nas aulas, quanto nas entrevistas, o SI esteve presente nas falas de alunos e professores. Para as duas categorias, não está muito claro o que é essa nova disciplina, o que e quem ela envolve, e quais são os conteúdos programados para ela, dentro do currículo. Nas duas escolas, o SI acontece nos períodos seguintes às aulas de Educação Física. Algumas mudanças na formatação do Ensino Médio estão acontecendo e outras ainda estão por vir. No entanto os profissionais não estão preparados para essas mudanças.

Há aproximadamente 12 anos, a Escola Estadual Ilha do Presídio adotou uma estrutura diferenciada de Educação Física. Os alunos de Ensino Médio optam por apenas uma modalidade, para praticar durante todo o ano. Além disso, algumas modalidades ainda são separadas por naipes (masculino e feminino) e outras são mistas. Essas turmas abrangem alunos do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio. Como há muitas opções de turmas de Educação Física (modalidade: vôlei, futebol, basquete, ginástica) mista ou por naipe, e em duas opções de turno (manhã ou noite, para quem estuda à tarde) os alunos acabam se dispersando muito entre as várias turmas. A turma que foi observada e que teve estudantes envolvidos no grupo de discussão era específica de Voleibol e composta por meninos e meninas, das 3ª séries do Ensino Médio. Dialoguei com 7 alunos que tem entre 14 e 19 anos. O grupo era formado por 4 meninas e 3 meninos.

Diferentemente da Ilha do Presídio, a turma de educação física da Escola Cipreste Farroupilha abrange apenas o 1º ano. Porém uma turma de Educação

Física corresponde a duas turmas de 1º ano. Nas duas escolas há alunos apresentam atestado de trabalho e são dispensados de frequentar esta disciplina. Também dialoguei com 7 alunos (4 meninas e 3 meninos) com idades entre 13 e 17 anos.

Segundo Carlos Nobre, a proposta de separar a Educação Física de acordo com as modalidades esportivas, surgiu a partir da ideia de preparar essas turmas para serem as representantes da Escola nos Jogos Escolares do Rio Grande do Sul (JERGS). Já que, desta forma, eles poderiam “treinar” os alunos em uma modalidade só e formar times competitivos. O professor contou que os professores mais antigos da escola sempre estiveram muito envolvidos nesses eventos esportivos destinados ao público escolar e que a Escola tem tradição de participar e ter bons resultados. Essa justificativa só foi observada na fala do professor. Os alunos não utilizam do mesmo embasamento para justificar essa separação. Segundo os alunos, o interessante da Educação Física por modalidade, é que o aluno pode escolher o que gosta de praticar e o que tem maior afinidade motora. Em nenhum momento os estudantes relataram envolvimento nos JERGS. Da mesma forma, os Jogos não estiveram presentes nos relatos dos alunos do Cipreste Farroupilha. Em conversa com o professor, ele contou que ele tem ideia de implantar a Educação Física por modalidades na Escola para conseguirem obter melhores resultados nesta competição.

Pergunto-me se esse é realmente o papel da Educação Física Escolar: treinar alunos a níveis competitivos em uma modalidade específica. Além de que, nas minhas observações, não reparei nenhum aluno de destaque na modalidade, que pudesse trazer para a escola algum título.

As duas escolas estão voltadas a esportivização da Educação Física. Tirando o fato da Escola Ilha do Presídio ter aula de Ginástica como opção entre as modalidades, todas as demais são voltadas para a prática de um esporte específico. Durante a entrevista, uma estudante sugeriu que o Professor Gomes Jardim pudesse utilizar de outros conteúdos, como dança e outras atividades que utilizasse música. No mesmo diálogo, um colega comentou que as aulas do professor são muito boas, que ela dá tudo que pode. Para complementar, ela cita que a turma tem atletismo, vôlei, basquete, futebol. Nesta fala, a aluna limita a Educação Física Escolar aos esportes. Nem os alunos nem o professor tem conhecimento da

variedade de conteúdos que a disciplina pode explorar, e acabam ficando restritos aos esportes.

Menezes e Verenguer (2006) realizaram um estudo de caso em que seus objetivos eram apresentar e discutir uma proposta diferente para a Educação Física no Ensino Médio e apresentar as considerações dos alunos frente a esta nova proposta. A escola envolvida no trabalho apresenta uma proposta com o objetivos de reorganizar as aulas de Educação Física da 8ª série do Ensino Fundamental até a 3ª série do Ensino Médio para aulas de Educação Física. Como resultado, os autores puderam afirmar que através das dimensões de conteúdo os professores conseguem apresentar uma Educação Física diferenciada para o Ensino Médio. Os conteúdos apresentados na proposta da escola vão ao encontro dos parâmetros legais, que levam em consideração o repertório da cultura corporal do movimento e dos aspectos sociais dos alunos.

Para a Educação Física no Ensino Médio sugere-se um planejamento. O estudante deve atuar diretamente nele. Desta forma o professor conseguirá detectar as necessidades dos alunos além de permitir uma autonomia e liberdade de escolha para as atividades e assim estas influenciarem em sua participação social (MENEZES; VERENGUER, 2006).

Durante a entrevista realizada na escola Cipreste Farroupilha, uma entrevistada relatou que o docente improvisa muitos materiais para possibilitar algumas práticas, como por exemplos o Atletismo. A discente contou que foram confeccionados dardos e martelos para que a turma experimentasse a prática das modalidades de lançamentos do esporte. Nesta escola, os materiais não são tão variados. Nas aulas observadas, a modalidade que estava sendo desenvolvida com a turma era o voleibol. A rede já apresentava algumas cordas arrebentadas e as bolas não estavam em bom estado. A quantidade de bolas também não era muito expressiva, resultando o tempo de espera para a realização das atividades fosse significativo para os alunos, fazendo com que alguns alunos se dispersassem ao longo da atividade.

Para a prática da Educação Física, a Escola Estadual Ilha do Presídio possui uma quadra com bom piso, sem cobertura, um campo de futebol e uma sala de ginástica com equipamentos. Os materiais são os mais variados, em grande quantidade e em perfeito estado.

No caso destas escolas que participaram do estudo, a Educação Física é no contra turno das aulas das demais disciplinas curriculares. Alunos da Escola Cipreste Farroupilha contam que a turma tem, no total, “uns 20 e poucos alunos”. Mas geralmente só uns 11 ou 12 comparecem nas aulas. Neste colégio as aulas de Educação Física são nas segundas-feiras, às 8h da manhã. Enquanto alguns alunos acham boa esta disciplina ser no turno inverso, outros dizem que é ruim, já que eles precisam acordar cedo, ainda mais numa segunda feira. Há relatos de que tem gente que só falta porque a aula é no turno da manhã. Além de que faltam quando chove, e que já faltaram por causa do Seminário Integrado.

Pude perceber que há situações em que acontecem atividades do SI em horários distintos e, para isso, as aulas de Educação Física são suspensas.

Darido *et al* (1999) aplicou questionários em 30 professores da rede pública estadual do interior de São Paulo para analisar alguns aspectos concernentes ao ensino da Educação Física no ensino médio. Entre estes aspectos está o horário da disciplina dentro do currículo da escola. Os resultados deste estudo mostraram que os professores entendem que a Educação Física deve ser conduzida no mesmo período das demais disciplinas, pois facilita a democratização do acesso dos alunos. Dos 30 professores consultados, 22 afirmaram preferir as aulas no mesmo período das demais disciplinas. As justificativas que apareceram com maior frequência nos questionários foram a facilidade do acesso à escola, a diminuição do número de dispensas e das faltas nas aulas e a valorização e integração da disciplina na escola. Acredito que para o professor seja gratificante estar com outras disciplinas até mesmo para que outros professores entendam o valor e a importância da disciplina.

Essa manifestação negativa de ter que ir para a escola de manhã, para ter Educação Física, não apareceu ao longo da entrevista e das conversas com estudantes da Escola Ilha do Presídio. Isto me levou a identificar que a postura do professor é primordial para a formação de um perfil de turma. O docente tem um papel muito importante na construção da identidade de cada aluno. É este profissional que vai fazer os alunos estarem ou não presente nas aulas de Educação Física.

4.2 INFLUÊNCIAS DO PROFESSOR

Passando para a segunda categoria temática, inicio retratando quais são os meios que cada um dos professores utiliza para agregar um estudante a aula e fazer com ele se envolva de forma efetiva, segundo minhas observações e falas dos entrevistados.

O trabalho de campo me permitiu identificar diferentes formas de condução que o professor pode se utilizar para promover o envolvimento e a satisfação de seus alunos. O professor Carlos Nobre tem uma conduta mais rígida. Durante toda a aula ele cobra dos estudantes uma boa postura em aula e boa execução das tarefas propostas. Mas em nenhum momento sendo agressivo e desrespeitoso com os discentes. Mantem o bom humor e a harmonia no relacionamento. A forma com que ele exige, é sempre valorizando a disciplina e justificando o motivo de realizar aquela tarefa, daquela forma. Na entrevista, os alunos da Ilha do Presídio falaram em diversos momentos nos benefícios que aquela prática traz para cada um deles.

Os estudantes narraram ao longo dos diálogos, que o professor Carlos Nobre é bastante exigente, mas sempre proporcionando situações que os alunos são capazes de realizar. A cobrança nunca é maior do que a que os estudantes têm a oferecer. Os próprios discentes abordam que se o professor não tiver essa postura, as aulas não acontecem. Se o professor deixar os alunos muito à vontade nas aulas, eles acabam não fazendo o que é proposto. Eles reconhecem a necessidade de existir certa rigidez vinda do professor. Trouxeram também em suas falas que em outras escolas que já estudaram, no ensino fundamental, as aulas eram bem diferentes, que os alunos podiam fazer o que quisessem. As aulas eram livres. Mas entendem da necessidade de se adaptarem a esse 'novo formato', adotado pelo professor.

Quando a Educação Física tem um significado maior, além de ser simplesmente uma disciplina obrigatória, os motivos de participação acabam sendo outros: vai além de simplesmente ter que fazer. Com os alunos da Escola Ilha do Presídio surgiram temas que abordavam os benefícios para a saúde que a prática da Educação Física Escolar pode proporcionar a eles. Já na primeira pergunta, quando solicitei que me contassem como é a Educação Física na escola, já apareceu na resposta o combate ao sedentarismo. Enquanto o discente relatava que a disciplina acontecia no turno inverso, destacou que desta forma acabam indo para aula e praticando algum exercício. Em momento nenhum foi tratada como negativa a

necessidade de se deslocar para a escola em outro turno. Para eles isso não é visto como problema, mas sim como uma forma de solucionar uma problemática existente. Os alunos filtram o que de bom aquele momento proporciona, e não as questões negativas. O que me leva a acreditar que os momentos bons se sobressaem a qualquer aspecto negativo que possa haver.

Para os estudantes da Escola Ilha do Presídio a Educação Física está envolvida com a saúde e o bem estar necessário para viverem bem. Surge, ao longo da conversa, situações como a necessidade de praticar exercício físico nessas aulas para manutenção da saúde. Um estudante relata casos de obesidade na família e diz que ele tem que se cuidar, e mostra que a Educação Física é um momento propício para esse cuidado, que praticando exercício físico, neste contexto, o aluno vai estar se beneficiando. Carlos Nobre, segundo os alunos, realiza medições como altura e peso no início do ano, para acompanhar o IMC de cada aluno ao longo do ano. Os alunos se sentem cuidados pelo professor com esse gesto. Faz com que eles percebam que a prática da Educação Física não consiste apenas em ter que realizar para obter nota e passar de ano, como acontece na Escola Cipreste Farroupilha. Ele mostra para os alunos que, naquele momento, eles podem se dedicar não somente a construção de boa nota para o boletim, e sim em bons resultados para a vida. No levantamento dos relatos dos estudantes da Escola Ilha do Presídio, apenas uma estudante relatou envolvimento com a disciplina apenas por nota com vistas a avaliação. Ela salienta que gosta de fazer as atividades, mas que não faria tão cedo assim, não acordaria nesse horário para a realização, mas que como vale nota, e é possível rodar, ela se faz presente.

Nos diálogos com estudantes da Ilha do Presídio, foi citado por um aluno um exemplo que ele tem em casa da importância prática de exercício físico, que no caso dos jovens até mesmo a Educação Física pode proporcionar a eles. É relatado sobre a avó, que, aos 63 anos, trabalha, cuida da casa e está sempre ativa. Para esse aluno, ter esse exemplo em casa é uma grande motivação para estar presente nas aulas de Educação Física. É palpável para o aluno que a Educação Física tem uma proposta. Muitos estudantes não sabem o que de fato é a Educação Física, o que ela envolve, quais os conteúdos que podem ser trabalhados, para que serve, e quais são as competências necessárias. Mas já sabe o que se pode aproveitar daquilo. Uma estudante contou que é possível notar mudanças, que ela se sente mais ativa para realizar outras tarefas do dia.

Em um estudo de Sampedro *et al* (2012), onde o objetivo central foi identificar entre dimensões motivacionais quais as que mais motivam os escolares à prática regular de atividades físicas e esportivas, os resultados permitem concluir que a participação em atividades corporais de maneira prazerosa e o reconhecimento dos benefícios que estas podem trazer para a saúde, podem fazer com que os escolares permaneçam por mais tempo e mais motivados nas atividades propostas durante as aulas de educação física escolar.

É preciso também que o professor transforme aquele ambiente, num espaço agradável. Onde eles e os alunos se sintam bem. Tanto a relação entre os alunos, como a relação dos alunos com o professor, precisa ser saudável. “Para os alunos se motivarem, é importante que os eles gostem do lugar e das pessoas” foi uma citação que teve destaque na entrevista. “A amizade do professor com os alunos motiva bastante. Além de estar sendo rígido, tu sabe que tu tem o apoio dele...”, contou outra estudante, salientando que a boa relação com o professor tem um valor muito grande para a entrega que o aluno vai ter nas aulas. É preciso ter uma relação de confiança. A forma como o professor traz o conteúdo para a aula e faz com que o aluno acredite naquilo que ele está fazendo. O professor precisa conhecer e confiar no seu trabalho, ter firmeza e convicção do que está passando para o aluno.

Na Escola Cipreste Farroupilha a situação é um pouco diferente. Os argumentos motivadores para a prática da Educação Física Escola são outros. A combinação que professor e alunos têm é de que no primeiro período de aula as atividades são propostas pelo professor. Havendo participação neste primeiro período, no segundo os alunos são liberados para atividade livre. Nas aulas observadas para este trabalho, havia inclusive alunos que não realizavam atividade nenhuma. Afastavam-se da turma e ficavam sentados, conversando.

Durante as conversas, estudantes contaram que a forma com que o professor motiva a participação dos alunos pelo menos na primeira parte da aula é através de uma moeda de troca. Para exemplificar uma fala do professor Gomes Jardim, uma entrevistada disse: “o Professor diz assim: ‘Faz logo para vocês ficarem livre para fazer outra coisa que vocês quiserem’”. Para Gomes Jardim e para os alunos desta Escola, essa é a explicação para a importância de participar das aulas. Qual é o significado que a Educação Física tem para estes estudantes? Parece-me que nem para o professor a Educação Física tem uma importância maior do que ter os alunos participando daquele momento só para cumprir alguns critérios de avaliação. A

maior parte dos alunos relatou ir às aulas só por causa da nota, já que poderiam rodar por excesso de falta. Muitos ainda disseram que vão apenas para marcar presença.

É possível classificar as motivações que os professores utilizam para obter a participação dos alunos nas aulas em intrínseca e extrínseca (SAMPEDRO, 2012). Fazendo a análise das entrevistas, posso observar que a o fator motivacional que o professor Carlos Nobre utiliza é considerada intrínseca, levando em consideração que motivação intrínseca envolve o interesse do indivíduo pelos aspectos inerentes à atividade. Ele se utiliza dos benefícios que aquela prática oferece para reter os alunos. Já o professor Gomes Jardim utiliza-se da recompensa para reter os estudantes, onde fazendo algumas atividades os alunos ganham a segunda metade da aula para realizarem a atividade que desejarem. Uma recompensa é um objeto ambiental atrativo que se dá ao final de uma sequência de condutas e que aumenta a probabilidade de que essa conduta volte a acontecer (MARZINEK, 2004).

Para Carreiro da Costa (1998 *apud* MARZINEK, 2004) as motivações intrínsecas são mais duradouras e persistentes, pois estão relacionadas com a própria prática e com os sentimentos que ela provoca nos praticantes, sendo motivos internos o prazer, a alegria da realização, e a satisfação da aprendizagem, que auxiliam o desenvolvimento de outros tipos de necessidades, tais como a competência e a autonomia humana.

Para os alunos envolvidos no trabalho, a Educação Física é uma disciplina sem proposta. Eles parecem não saber por que é uma disciplina obrigatória na escola, para que serve. Quando questionado como foram as experiências deles em outras escolas, ele contam que no ensino fundamental tinham aula livre. Cada um jogava o que desejava.

Na Escola Cipreste Farroupilha, quando perguntei como era a Educação Física na instituição, um estudante respondeu: “A Educação Física é legal (...). A matéria não tem nada.” É provável que nenhum professor, em nenhum nível de ensino por qual ela já tenha passado, tenha trabalhado conteúdos que tivessem algum significado para esse aluno. Ele não sabe para que ele precisa fazer aquela aula, qual é a necessidade.

De acordo com as observações, fazendo uma comparação entre as duas escolas, é mais conveniente tanto para alunos como para professores fazer com que esta disciplina tenha um significado maior, além da simples obrigação de fazer para

obter nota. Ninguém se mantém numa tarefa sem que ela possa trazer algum retorno ou benefício para quem está realizando. O professor Carlos Nobre, apesar de desenvolver a disciplina apenas sobre uma modalidade, utiliza-se da argumentação dos benefícios para a saúde que aquela prática pode proporcionar aos alunos. Assim, mesmo aqueles alunos que não se identificam com o Voleibol, e optaram por essa modalidade por ser a mais fácil, por exemplo, acabam buscando outras formas de motivação para se manter na atividade.

Ambos os professores adotam o esporte, praticamente com exclusividade, como conteúdo das aulas. Mas o esporte não agrada a todos os estudantes. Relatos nas entrevistas deixaram claro que alguns alunos participam das aulas por obrigação, já que não se agradam do conteúdo trabalhado. O professor de Educação Física precisa tornar as aulas motivantes. Isto se tornaria possível oportunizando diversificação dos conteúdos, e, através da diversidade, o docente consegue atender as necessidades e interesses de seus alunos, procurando assim uma aprendizagem significativa (CHICATI, 2000 *apud* MENEZES; VERENGUER, 2006).

Nas duas escolas os critérios de avaliação são parecidos. É avaliada a participação, a presença e o uso de vestimenta adequada. Em mais uma situação, a postura do profissional que está diante da turma fez diferença. Nas observações na Ilha do Presídio, não foi possível verificar nenhum aluno com roupa inadequada para a prática de atividade física. Já na Escola Cipreste Farroupilha, mesmo sendo critério de avaliação, muitos alunos que vão à aula com roupa adequada. Quase metade dos alunos participa da aula de calça ou bermuda jeans. Quando argumentei com uma aluna se isto era avaliado pelo professor, ela me afirmou que sim, porém salientou que os alunos não levam isso muito em consideração.

Em duas das três observações na Escola Cipreste Farroupilha, presenciei uma situação que me chamou muita atenção. No segundo momento da aula, enquanto a turma fazia atividades livres (uns jogavam vôlei, outros futsal, um grupo apenas conversava na sombra), duas meninas ficaram arremessando uma bola de basquete na cesta, enquanto o professor anotava o número de acertos que cada uma efetuava. Já na primeira observação em que presenciei essa situação, eu perguntei para o professor, no final da aula, o que aquelas alunas estavam fazendo. A resposta que ele me deu foi que elas estavam recuperando nota de trimestres anteriores. Mas não me deu maiores informações sobre aquilo. Na aula seguinte,

apenas uma aluna estava repetindo esta situação. Enquanto eu observava aquela cena, uma amiga dela passou por ali e eu chamei-a. Pedi para que ela me explicasse o que a colega dela estava fazendo. A aluna corroborou com o que o professor havia me explicado que ela estaria recuperando nota. Perguntei no que exatamente ela tinha ido mal. A explicação foi que a aluna havia rodado nos dois primeiros trimestres por falta de frequência e por não usar roupa adequada. E para recuperar nota do primeiro trimestre ela teria que acertar 200 cestas e para recuperar nota do segundo trimestre, mais 200 cestas. Essa é a estratégia que o professor usa para recuperação de nota na disciplina. Na entrevista, uma das alunas que realizou a recuperação com cestas de basquete, me explicou que, ao longo do ano, ela esteve presente em apenas 3 aulas. A justificativa para as faltas é o desagrado com o fato de ter que ir a escola no turno inverso das demais disciplinas. Ela explica que desde o início ela sabia que essa seria a forma de recuperação adotada pelo professor. E ela encerra a explicação dizendo: “Faz parte.”.

Apesar de considerar aquela situação bastante estranha, os alunos tratavam com muita naturalidade. A fisionomia das alunas que recuperavam nota, não me parecia de muita empolgação com a circunstância. Arremessavam com seriedade, não conversavam entre si nem com os demais colegas. Seguia-se um arremesso atrás do outro. Sequer perguntavam para o professor quantos acertos ainda faltavam. Mas em nenhum momento se manifestavam contra a situação a que estavam passando.

A estudante acredita que esta situação pode sim fazer com que ela sinta vontade de comparecer as demais aulas. Ela compara essa situação com experiência de outra escola na qual já estudou em que o professor aplicava prova teórica como recuperação, porém falava as respostas das questões para os alunos. Para ela isso fazia menos sentido ainda.

A diferença de postura dos professores em relação aos alunos, nas duas escolas, me chamou atenção. O professor da Escola Ilha do Presídio passa mais credibilidade para os alunos na sua fala. Quando ele fala, os alunos param para ouvi-lo, prestam atenção, confiam, respondem, questionam. Eles estão de fato presentes e ativos na aula. A explicação e a execução deste professor são eficientes. Já na Escola Cipreste Farroupilha, me pareceu que os estudantes não são envolvidos da mesma forma com a fala do professor: tom de voz baixo, sem firmeza, talvez instigando pouca confiança, erros de execução em fundamentos

básicos. Enquanto para alguns alunos a atividade estava adequada para seu nível de desenvolvimento, para outras estava muito aquém. Junto com a explicação da atividade, alguns alunos debochavam, manifestando que a atividade era boba, que eles já estavam cansados de fazer aquilo. A recuperação é vista como uma punição aos alunos e não como uma forma de recuperar nota não alcançada ou reconstruir aprendizagens.

Não acredito em professor atleta, que domine todos os esportes, que saiba jogar perfeitamente. Mas acho sim que o professor deve saber executar pelo menos os fundamentos básicos de todos os esportes, se são os esportes que ele prioriza trabalhar na escola. Caso não domine a execução, pode-se usar da estratégia de pedir que algum aluno que ele saiba que domina, execute para demonstrar para a turma, mostrar vídeo, ou qualquer outro artifício.

Dos fatores que influem para que a Educação Física Escolar seja considerada uma disciplina altamente motivadora, o professor de Educação Física constitui, sem dúvida, um dos mais importantes, por ser o elemento que põe em prática as atividades durante suas aulas (MARZINEK, 2004)

Quanto às atividades propostas, na Escola Ilha do Presídio era sempre desafiadora para os alunos. Não presenciei nenhuma atividade em que os alunos não tinham desejo em fazer melhor a cada repetição. Alguns iniciavam com dificuldade, mas com o auxílio do professor, todos terminavam a atividade conseguindo realizá-la. Caso alguém estivesse fazendo de má vontade, o professor cobrava mais empenho na execução, além de explicar o porquê da atividade proposta. A maior parte das atividades envolviam situações possíveis de serem encontradas ao longo de um jogo de voleibol. Na Escola Cipreste Farroupilha isso não foi observado. O professor propunha atividades que nem sempre eram possíveis de acontecer durante um jogo. Pelas atividades que foram realizadas nos dias que eu estava presente, acho que a proposta até era que as atividades fossem situação que pudessem ser reais de jogo, porém com posicionamentos em quadra errados.

O que foi dito nos dois grupos de discussão tiveram características bem distintas. Quando o assunto era motivação, os estudantes da Escola Ilha do Presídio tratavam muito do que aquela prática proporciona para eles: saúde, bem estar, disposição, relacionamento com outras pessoas. Já na Escola Cipreste Farroupilha, o assunto acabava sendo desviado para o motivo de não praticarem: preguiça, falta

de motivação, desinteresse. Parece-me que para os alunos, a Educação Física realmente não tem um propósito. Eles não apresentam motivos para praticarem e se envolverem nas aulas.

Outra diferença marcante nas entrevistas é a visão que os estudantes das escolas têm em relação a mistura de alunos de diferentes turmas para a formação de uma turma de Educação Física. Para os alunos na Ilha do Presídio é um aspecto positivo. Para eles, a Educação Física também é vista como um meio social, onde é possível conhecer outras pessoas, fazer amizades. Enquanto para estudantes do Cipreste Farroupilha, a integração com outra turma pode ser um aspecto negativo, que faça com que alunos não gostem de praticar as atividades da disciplina. Relatam que alguns alunos podem ter vergonha de não conseguir fazer alguma tarefa, ou errar diante de um colega que é de outra turma. Eles se sentem envergonhados que fazerem algo com gente que não conhece.

O maior fator desmotivacional no entendimento dos alunos participantes de uma pesquisa está a falta de aptidão física para práticas esportivas, com 47,5% das respostas (DE DIO, 2011).

A presente pesquisa foi realizada quando os alunos já estavam no terceiro trimestre do período letivo e há ainda falta de integração na turma. A divisão das turmas é muito visível na Escola Cipreste Farroupilha, principalmente no segundo momento de aula em que os alunos podem escolher o que vão realizar. As duas turmas ficam bem divididas. Há pouca interação entre os colegas de salas diferentes. Por outro lado, na Escola Ilha do Presídio não foi possível identificar de que série era cada aluno, quem era e quem não era colega de sala de aula. Acredito que o aspecto social merece uma atenção maior do professor Gomes Jardim. A relação entre os colegas, o ambiente em que eles convivem, deve ser o mais integrador e acolhedor possível, para proporcionar momentos prazerosos aos discentes. A relação interpessoal é um elemento importante no incremento da motivação e do desejo de estar/participar das aulas de Educação Física.

De Dio, em 2011, realizou um trabalho onde seu objetivo foi identificar as possíveis relações dos conteúdos ensinados com a motivação dos discentes nas aulas de Educação Física, no ensino médio da rede pública da cidade de Londrina-PR. Nas conclusões ele relata que a maioria dos alunos disse gostar e veem importância nas aulas, porem nenhum dos entrevistados entendem a Educação Física como uma disciplina escolar. 57,5% dos alunos responderam que a função da

disciplina é auxiliar na saúde e qualidade de vida, 37,5% que é proporcionar momentos de lazer, 5% disseram que a função é promover socialização e 0% entendem a Educação Física como uma disciplina escolar. O autor argumenta que os alunos desta pesquisa desvinculam a disciplina do ambiente escolar, já que saúde, qualidade de vida e lazer podem ser alcançadas fora da escola, e socialização está presente em todos os momentos da vida. Em seu trabalho a maioria dos alunos disse gostar e veem importância nas aulas, porém nenhum dos entrevistados entende a Educação Física como uma disciplina escolar.

Acredito que auxiliar a saúde e a qualidade de vida pode ser uma questão a estar envolvida da Educação Física Escolar. Mas não pode ser apenas isto. O professor de Educação Física deve auxiliar o aluno a compreender o seu sentir e o seu relacionar-se na esfera da cultura corporal de movimento (BETTI; ZULIANI, 2002). É possível pensar que cabe aos professores apresentar aos alunos as diversas possibilidades de práticas corporais que podem ser vivenciadas no contexto daquela turma. Para isso, não basta aprender habilidades motoras e desenvolver capacidades físicas. Esta aprendizagem se faz necessária, mas não suficiente. Se o aluno aprende os fundamentos técnicos e táticos de um esporte coletivo, precisa também aprender a organizar-se socialmente para praticá-lo, precisa compreender as regras como um elemento que torna o jogo possível.

A Educação Física deve, progressiva e cuidadosamente, conduzir o aluno a uma reflexão crítica que o leve à autonomia no usufruto da cultura corporal de movimento (BETTI, 1994a,1994b *apud* BETTI; ZULIANI, 2002).

4.3 A PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES

Muitas unidades de significados perpassam mais de uma categoria temática. Por exemplo: o hábito de praticar atividade física, alguns aspectos de motivação para a prática, a relação com colegas e professores, envolvem diretamente o estudante e o envolvimento que ele tem com esses aspectos.

Dentro de uma mesma aula, mesmo que estejam todos motivados, pode haver inúmero motivos diferentes que movem esta motivação. Nas entrevistas surgiu o cuidado com a saúde, a prática por diversão, a relação com as pessoas, o ambiente agradável e a obrigatoriedade por causa da nota como fatores que levam os alunos a se motivarem a praticar a Educação Física Escolar. É uma questão individual. Mesmo que mais de um aluno cite o mesmo motivo, a forma e o grau com

que acontece são diferentes em cada um deles. O importante é que cada um tenha o sua motivação e que o professor consiga atingir todos, de uma forma ou de outra.

Na pesquisa de De Dio (2011) apenas 5% dos alunos disseram que a intervenção do professor é um fator motivante para as aulas. Segundo a interpretação que eu fiz da análise das entrevistas realizadas nas escolas de Guaíba, a intervenção do professor como fator motivacional é muito maior do que apenas sair da sala de aula (que foi resposta de 52,3% dos alunos).

Segundo Marzinek (2004) a participação dos alunos é inevitável, tanto nas 8as séries quanto nas 3as séries, pois eles participam pela necessidade de obterem boas notas e também pelo fato de a disciplina estar no currículo escolar.

Entre todos os alunos entrevistados, apenas um já realizou alguma prática corporal fora da escola. Todos os demais relataram que não realizam. Este trabalho me fez refletir em diversos momentos sobre o papel do professor de Educação Física na vida dos alunos, não só enquanto eles estiverem em fase escolar, mas para a vida que segue. Os estudantes relataram nos diálogos que prática de exercício físico é um hábito que deve ser adquirido. Muitos não gostam de se envolver em atividades físicas por falta de hábito. Professores dos outros níveis de ensino devem transformar as aulas em ambientes tão prazerosos que os estudantes tenham vontade de praticá-los fora do ambiente escolar, também. Trato aqui que essa seria uma função do professor de Educação Física, pois é nesse espaço que se desenvolve o presente estudo. Mas indo mais além, deve ser um hábito também familiar. Na entrevista, uma participante disse que os filhos são espelhos dos pais, que os pais precisam dar o exemplo a ser seguido. Caso o professor seja uma referência para esse jovem, é possível sim que o estudante passe a adotar o professor como um espelho, quando se trata de atitudes para adquirir hábitos saudáveis.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do trabalho realizado, posso concluir que é importante para o professor de Educação Física escolar conhecer os fatores que envolvem a motivação para a prática da Educação Física Escolar dos estudantes. O professor trabalha principalmente com adolescentes que são obrigados a frequentar as aulas, e precisa transformar aquela situação em um momento agradável para os discentes, e que oportunize aprendizagem significativa para eles. Com isso, o professor precisa estar atento ao grupo, pois nem todos os seus alunos encontram prazer ou estão interessados nas atividades oferecidas durante suas aulas. É centrada no professor a tarefa de se tornar um grande agente motivador.

O desenvolvimento desta pesquisa me oportunizou, além de conhecer os fatores motivacionais dos estudantes, o que deve ser considerado pelo professor para alcançar êxito no processo de ensino aprendizagem.

Após a análise e interpretação das entrevistas e das leituras realizadas para a escrita deste trabalho, ficou clara a influência que o professor que está diante da turma tem quando o assunto é motivação para a prática das aulas de Educação Física. Com sua postura, com a relação que adota com os estudantes, com a influência que possui com os demais setores da escola, o professor pode construir uma turma capaz de posicionar-se criticamente diante das novas formas da cultura corporal de movimento.

A Educação Física enquanto componente curricular da educação básica deve assumir a tarefa de introduzir e integrar o estudante na cultura corporal de movimento. Sendo assim, será capaz de formar cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida.

Todas as manifestações negativas dos estudantes, a respeito da Educação Física foram sobre aspectos que podem ser trabalhados pelo professor. Talvez o fato da disciplina ser ministrada do turno inverso das outras disciplinas e a escassa disponibilidade de materiais sejam aspectos que estejam mais distantes do professor, mas que podem sim ser discutidos na escola. O docente tem o desafio de programar conteúdos que sejam significativos pra um grupo heterogêneo, e que

aquele conteúdo faça sentido, não só pra situações escolares, mas sim para outros momentos da vida do discente.

Na minha concepção, o esporte pode ser um dos conteúdos possíveis de serem trabalhados na escola, mas não pode ser exclusivo, como está sendo nos contextos investigados. É direito do aluno conhecer e experimentar as mais diversas práticas corporais e é dever do professor propiciar essas práticas.

Identifiquei que os principais aspectos motivacionais nos contextos pesquisados foram a relação construída com professores e colegas e os benefícios que a prática proporciona.

A estrutura que a escola possui influencia na frequência desses alunos nas aulas, já que dependendo da meteorologia, a disciplina fica inviabilizada. Em uma das escolas, não há um espaço alternativo disponível para a Educação Física em dias de chuva. Os materiais disponíveis também são importantes para o envolvimento dos alunos nas aulas. Pode ser que os poucos espaços e recursos que a escola dispõe para essa disciplina, seja um fator determinante para o desinteresse dos alunos com as aulas de Educação Física.

A forma com que os docentes encaminham a aula está adequada para o que aqueles estudantes, especificamente, esperam. Apesar dos conteúdos estarem restritos a prática dos esportes, os relatos dos entrevistados mostraram que, também para que discentes, a Educação Física está pautada para este conteúdo.

As informações obtidas nesse estudo são de suma importância não só para professores de Educação Física, mas também para a direção da escola e responsáveis pela construção do planejamento e estruturação dos conteúdos da disciplina. As questões aqui trabalhadas também podem ser importantes para os próprios alunos, já que foi discutido o papel da Educação Física na escola e quais os conteúdos que a ela compete.

Com essa investigação, consegui visualizar como a Educação Física tem sido vista pelos estudantes do ensino médio e como ela está dentro da estrutura da escola.

Para a realização desse trabalho, foi preciso contar com a ajuda de professores e outros envolvidos da escola. Essa dependência, em alguns momentos, atrasou parte do desenvolvimento do trabalho. A comunicação com os setores da escola é fundamental para que a pesquisa possa acontecer. Algumas idas até a escola acabaram sendo em vão. Ao longo deste percurso, aulas de

Educação Física deixaram de acontecer por causa de outras atividades que a Escola desenvolveu. Isso me faz pensar que, para a escola, a Educação Física não tem a mesma importância que demais disciplinas. Não só pelo fato de que ela acontece em turno diferente, mas também pelo fato de que, para acontecer demais eventos na escola, é disponibilizado o período da Educação Física para realizar estas demais atividades. Acredito que essas atividades não aconteceriam no turno das demais disciplinas a outra importância que é dada a elas.

Além disto, uma das aulas que estava prevista para ser observada não aconteceu devido ao mal tempo. A chuva e o vento são aspectos que impedem a realização da aula de Educação Física. Tanto pela ausência coletiva dos estudantes, quanto pela falta de outro espaço para que a disciplina aconteça.

Até então, eu acreditava que o ambiente, a estrutura e os materiais disponíveis na escola, a relação entre os gêneros, os conteúdos trabalhados, entre outros fatores, eram os principais para que os alunos não tivessem motivação para participar das aulas. Mas vi que a questão vai mais além. Após desenvolver essa pesquisa, foi possível perceber que o professor é peça fundamental no envolvimento dos estudantes nas aulas. A confiança que o professor pode passar para eles é muito grande. O docente é determinante para que tanto o aluno, quanto a escola, acredite no potencial que a Educação Física tem e que ainda não foi descoberto nos dois contextos estudados. Além disto, o professor tem que proporcionar para o aluno a compreensão da função da Educação Física. O aluno deve saber o porque a Educação Física é uma disciplina obrigatória no currículo escolar e o que ela é capaz de proporcionar

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, E. S.; SHIGUNOV, V. Reflexões sobre as abordagens pedagógicas em Educação Física. **Kinein**, Florianópolis, v.1, n.1, set./dez. 2000. Disponível em <http://boletimef.org/biblioteca/2602/Reflexoes-sobre-as-abordagens-pedagogicas-em-Educacao-Fisica>. Acesso em: 18 mai 2013.

BELSKY, J. **Desenvolvimento humano**: experienciando o ciclo da vida. Porto Alegre: ArtMed, 2010.

BETTI.M.. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BETTI, M; ZULIANI, L. R. Educação física escolar: Uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 1, n. 1, p. 73-81, set. 2002. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Educacao_Fisica/REMEFE-1-1-2002/art6_edfis1n1.pdf>. Acesso em: 23 set 2013.

BRÊTAS, J. R. da S. A mudança corporal na adolescência: a grande metamorfose. **Revista Temas sobre Desenvolvimento**. v.12, n.72, 2003. Disponível em: <www.unifesp.br/nucleos/necad/docs/ARTIGO.DOC>. Acesso em: 9 jul. 2013.

DAMICO, José. Corpo a corpo com as jovens: Grupos focais e análise de discurso na pesquisa em educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p.35-67, ago. 2006. Disponível em: <http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/corpo_a_corpo_com_as_jovens_grupos_focais_e_analise_de_discuso_na_pesquisa_em_educacao_fisica.pdf>. Acesso em: 12 jun 2013.

DARIDO, S. C. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.18, n.1, p.61-80, jan./mar. 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16551/18264>>. Acesso: 18 mar 2013.

DARIDO, S. C.; SANCHES NETO, L. O Contexto da Educação Física na Escola. *In*: DARIDO, S.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na Escola: Implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2005.

DARIDO, S. C. *et al.* Educação Física no Ensino Médio: reflexões e ações. **Motriz**, Rio Claro, v. 5, n. 2, p.138-145, dez. 1999. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/05n2/5n202Darido.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2013.

DARIDO, S. C. *et al.* A educação física, a formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, v.1, n.15, p.17-32, jan./jun. 2001. Disponível em <www.ufscar.br/~defmh/spqmh/pdf/rpefglau.PDF>. Acesso em: 05 mai 2013.

DE DIO, L. V. **O interesse dos discentes do ensino médio nas aulas de educação física.** Monografia (Conclusão de Curso). Universidade Estadual de Londrina-PR, 2011. Disponível em <www.uel.br/cef/demh/graduacao/.../Leandro_Vilela_LEF100_2011.pdf> Acesso em: 26 set 2012.

GÓIS JUNIOR, E.; LOVISOLO, H.R.. A educação física e concepções higienistas sobre raça: uma reinterpretação histórica da educação física brasileira dos anos de 1930. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto.** v.5 n.3 Porto set. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S1645-05232005000300008&script=sci_arttext>. Acesso em: 11 out. 2013.

MAGILL, R. A., **Aprendizagem motora: conceitos e aplicações.** 5.ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2000.

MARTINELLI, C.R; MERIDA, M; RODRIGUES, G.M; GRILLO, D.E; SOUZA, J.X. Educação Física no Ensino Médio: motivos que levam as alunas a não gostarem de participar das aulas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – 2006, 5(2):13-19.

MARZINEK, Adriano. **A motivação de adolescentes nas aulas de Educação Física.** 2004. 88 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Departamento de Programa de Pós-graduação Stricto Sensus em Educação Física, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2004. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/dissertacao/Adriano_Marzinek.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2013.

MENEZES, R.; VERENGUER, R.C.G.. Educação Física no Ensino Médio: o sucesso de uma proposta segundo os alunos. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – 2006, 5(especial):99-107.

MINELLI, D. S.; NASCIMENTO, G.Y.; VIEIRA, L. F.; BARBOSA-RINALDI, I. P. O estilo motivacional de professores de Educação Física. *Motriz*, Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 598-609, jul/set, 2010. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/motriz/v16n3/a07v16n3.pdf>>. Acesso em: 26 mar 2013.

PEREIRA, M. G. R. **A motivação de adolescentes para a prática da educação física: uma análise comparativa de instituição pública e privada.** 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.usjt.br/biblioteca/mono_disser/mono_diss/2006_018_pereira.php>. Acesso em: 08 jul 2013.

RANGEL, A. P.; TORMAN, R.; FOCESI, L. V. Adolescência: construindo uma identidade. **Revista Conhecimento Online.** v.1, n. 4 - Mar 2012. Disponível em: <<http://www.feevale.br/site/hotsite/default.asp?intIdHotSite=86&intIdSecao=5480&intIdConteudo=50284>>. Acesso em: 08 jul 2013.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. Departamento Pedagógico. **Referencial Curricular Lições do Rio Grande: Linguagens Códigos e**

suas Tecnologias: Artes e Educação Física. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul, 2009, v.2.

ROCHA, C. C. M., **A motivação de adolescentes do ensino fundamental para a prática de educação física escolar**. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desporto) - Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, 2009.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C.. Educação física no ensino médio: desvendando processos de desvalorização a partir da transferência das aulas para academias de ginástica. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 18., CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 5., 2013. Anais...* Brasília/DF. Disponível em: < <http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/conbrace2013/5conice/paper/view/5361>>. Acesso em: 22 set. 2013.

SAMPEDRO, L. B. R. *et al.* Dimensões motivacionais associadas às práticas corporais no contexto escolar. **Revista Mineira de Educação Física**, Viçosa, n. 1, p.470-478, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.revistamineiraefi.ufv.br/artigos/726-dimensoes-motivacionais-associadas-as-praticas-corporais-no-contexto-escolar>>. Acesso em: 04 set. 2013.

SAMPEDRO, L. B. R., **Motivação à prática de atividade física e esportistas na educação física escolar: um estudo com adolescentes do ensino médio de escolas públicas estaduais da cidade de Porto Alegre/RS**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Porto Alegre, 2012. Disponível em: < <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/61130>>. Acesso em: 02 Jun 2013.

SAMPAIO, A. *et.al*, Educação Física no Ensino Médio: motivos para evasão. Congresso Internacional de Educação, Pesquisa e Gestão, 4. 2012. Ponta Grossa-Paraná. **Anais...** Disponível em < <http://isapg.com.br/2012/ciepg/down.php?id=2819&q=1>> Acesso em: 23 set 2013.

SANTOS, D. C. dos; TRINDADE, P. dos S. A evasão dos alunos do ensino médio nas aulas de educação física na percepção dos professores da E.E. Brandão de Amorim do município de Parintins-AM. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 18., CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 5., 2013. Anais.* Disponível em: < <http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/conbrace2013/5conice/paper/view/5402>>. Acesso em: 22 set 2013.

TRIVIÑOS, A.N.S., **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

1. Natureza da pesquisa: você está sendo convidado a participar da pesquisa “**Fatores Motivacionais para a prática de Educação Física Escolar de alunos de Ensino Médio**”, vinculada à Escola de Educação Física da UFRGS,

2. Participantes da pesquisa: O principal responsável pela pesquisa é o Prof. Dr. Elisandro Schultz Wittizorecki, que pode ser encontrado em horário comercial no seguinte endereço: Rua Felizardo, 750; bairro Jardim Botânico; Porto Alegre/RS. CEP: 90690-200.

3. Sobre as entrevistas: Trabalharemos com grupo de discussão semiestruturado, com duração entre 30 a 40 minutos, para colher informações sobre a motivação de estudantes de ensino médio para as aulas de educação física escolar. Esta entrevista será gravada, depois transcrita e posteriormente devolvida a você para conferir o que foi registrado.

4. Riscos e desconforto: Sua participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Apresenta riscos mínimos a sua saúde e a sua dignidade. O inconveniente maior será a dedicação de um tempo para responder às questões da entrevista. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com seres humanos, conforme a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

5. Confidencialidade: Os dados obtidos serão utilizados pelos estudantes e professores da Escola de Educação Física da UFRGS para a elaboração de monografia de conclusão de curso da aluna Renata Arbo Meneses, artigos científicos, capítulos de livros. O material resultante do trabalho ficará depositado na Escola de Educação Física da UFRGS. Todas as informações coletadas nesta pesquisa são estritamente confidenciais. Em todas as etapas da pesquisa será preservada sua identidade, bem como as identidades de todas as pessoas por você referidas;

6. Benefícios: Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que esta pesquisa traga informações relevantes e, de algum modo, subsídios às políticas públicas de promoção da saúde articuladas à importância do brincar terapêutico.

7. Despesas: você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que seguem abaixo:

Eu, _____, acredito ter sido suficientemente informado a respeito do que li ou do que foi lido para mim, descrevendo o estudo “**Fatores Motivacionais para a prática de Educação Física Escolar de alunos de Ensino Médio**”. Concordo voluntariamente em participar deste estudo, sabendo que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante a realização do mesmo.

_____/_____/_____
Assinatura do sujeito ou representante legal Local Data

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito ou de seu representante legal para a participação neste estudo.

_____/_____/_____
Assinatura do responsável pela pesquisa Local Data

APÊNDICE B - ROTEIRO DO GRUPO DE DISCUSSÃO COM ESTUDANTES

1. Me conta como é a Educação Física na escola?
2. E as tuas outras experiências de Educação Física? Nesta ou em outras escolas...
3. O que tu lembra?
4. Sempre tem o pessoal que faz e o que não faz a aula, né? Por que acontece isso?
5. O que vocês acham que levam as pessoas a fazerem a aula?
6. O que levam as pessoas a não fazerem?
7. O que sugeririam para o professor?
8. Como vocês acham que deveria ser uma aula de Educação Física?

APENDICE C – UNIDADES DE SIGNIFICADO

1. Educação Física como prática de combate ao sedentarismo;
2. Educação Física como espaço livre;
3. Escassa narrativa de práticas fora do contexto escolar;
4. Educação Física sem proposta;
5. Sem cobrança não há participação;
6. Hábitos de outras escolas;
7. Educação Física: saúde e bem estar;
8. Nota;
9. Preguiça, falta de motivação;
10. Educação Física: diversão;
11. Educação Física / atividade física: hábito;
12. Postura do professor;
13. Dedicção do professor para viabilizar as aulas;
14. Benefícios da Educação Física;
15. Aulas em outros espaços;
16. Relação aluno/professor;
17. Relação aluno/aluno;
18. Falta de integração;
19. Educação Física como meio social;
20. Organização dos conteúdos;
21. Recuperação punitiva;
22. Educação Física em turno inverso;
23. Trabalhar diferentes conteúdos/esportes;
24. Formar de motivação
25. Influência da estrutura física;
26. Esportivização;
27. Educação Física exige bom desempenho;
28. Rigidez do professor;
29. Confiança que o professor passa para o aluno e autoconfiança;
30. Educação Física fora da escola (outros espaços públicos);
31. Atestados de trabalho;
32. Seminário Integrado;
33. Participação: moeda de troca;

34. Falta de espaço para as aulas de Educação Física;